

# O sopro do Irã

Farshad Fareghi entrevistado por Marcia Camargos

*O Estado de S.Paulo*, 30 de novembro de 2013

**Após duas décadas de confrontos, um novo quadro mundial, mais racional e lógico, beneficia o país, avalia cineasta**

Convidado para a mostra *Cinema: Oriente Médio*, aberta no Cinesesc na semana passada, o diretor Farshad Fareghi entrou em contato imediato com o lado mais duro da realidade brasileira. Já na tarde de seu desembarque na capital paulista, passeando pela região do Baixo Augusta, foi cercado por um grupo de "profissionais do sexo", que acabaram levando seu iPhone com todos os contatos e material de trabalho. Refeito do susto, o cineasta não deixou que o episódio lhe tirasse o bom humor nem a admiração que já nutria pelo País. Continua pensando que São Paulo é colorida, acolhedora e sociável, embora incomparavelmente menos segura e bem mais violenta do que as grandes cidades iranianas. Aliás, é isso que abordará em seu novo filme, a ser rodado com apoio oficial. "Muita gente acha que o Irã é um lugar atrasado, perigoso e infestado de terroristas", diz ele, em entrevista exclusiva ao Aliás. "É a imagem que a mídia passa para o resto do mundo", explica. "Mas assim como o Brasil não tem macacos nem cobras pelas ruas, como alguns ainda acreditam, o Irã é desenvolvido, cosmopolita e muito moderno."

Nascido em Isfahan, antiga capital persa, Farshad, de 31 anos, veio acompanhar o lançamento de seu documentário *O Sopro de Zaar*. Filmado em Hengam, remota ilha situada no sul do Irã, o filme retrata cerimônias de cura de loucura e depressão, muito parecidas com os rituais de candomblé, com pessoas em transe dançando ao ritmo poderoso de tambores.

Entre uma sessão e outra, o cineasta, que também participa da organização dos Festivais Fjar e Cine Verité, conversou sobre a situação de seu país. Não escondia o contentamento diante do Acordo de Genebra, assinado entre o Irã e o P5+1 (EUA, Reino Unido, França, Alemanha, Rússia e China) na madrugada de domingo passado. Não é para menos. Se o Irã cumprir o acordo não haverá novas sanções econômicas nos próximos seis meses. Algumas restrições relativas a ouro e metais preciosos, sobre o setor automotivo iraniano e as exportações de petróleo serão suspensas, dando um alívio de US\$ 1,5 bilhão nas receitas internas. Além disso, cerca de US\$ 4,2 bilhões de receitas com a venda de petróleo poderão ser transferidos para o país, bem como US\$ 400 milhões de fundos iranianos poderão ser remetidos a instituições educacionais no exterior para custear estudantes iranianos.

Finda nossa conversa, Farshad, simpatizante da causa gay, pediu para ler o texto. Compreensivelmente, por questões de segurança, temas polêmicos e incômodos para o regime iraniano - como os presos políticos de Evin, a perseguição aos homossexuais e às minorias religiosas como os bahais e sufis - ficaram de fora. E, com certeza, não entrarão no roteiro de seu próximo filme. "Pretendo reverter a má imagem do Irã contemporâneo. Mas claro que temos nossos problemas, não há um lugar perfeito."

**Como as sanções econômicas afetam o cotidiano dos iranianos?**

Engraçado, os EUA falam em direitos humanos, mas sabem que as sanções ferem a sociedade. Não temos peças de reposição para os aviões, nem medicamentos para tratamento de câncer infantil. Que sanções são essas? Não é justo. É hipócrita, pois quem paga a conta é o iraniano simples, aquele preso na armadilha do aumento da inflação, agravada pela dificuldade em encontrar remédios e outros produtos de primeiríssima necessidade. Só os muito ricos podem pagar e conseguir essas mercadorias no mercado negro. A desvalorização da moeda iraniana foi enorme nos últimos anos e os preços sobem de um dia para o outro, sem parar. Por isso a sociedade recebeu a notícia do acordo com júbilo, não temos o que perder.

### **Quando Barack Obama foi reeleito eu estava no Irã e constatei a apatia do povo. A imagem dele melhorou depois do sucesso das negociações?**

Obama é menos inclinado às guerras do que seus predecessores republicanos, mas, na verdade, não nos preocupamos muito com o presidente americano. Mesmo porque sabemos que, na posição de presidente, Obama não é o único a tomar decisões - depende do Congresso e das fortes pressões econômicas, dos lobbies vindos de todos os setores. O presidente não pode decidir tudo por si mesmo.

### **A proposta alinhavada pelo ministro Celso Amorim em 2010, no governo Lula, parecia mais objetiva. Previa remeter o urânio a ser enriquecido para a Turquia, que se responsabilizaria pela transparência e cumprimento do acordo. Agora é o próprio Irã que prestará contas. Foi isso que desagradou a Arábia Saudita e Israel, ambos críticos do pacto?**

Arábia Saudita e Israel estão descontentes porque, com a gradual suspensão das sanções, o Irã vai se recuperar economicamente. O país poderá explorar melhor suas fontes de riquezas naturais, objetos de cobiça do Ocidente. Voltará a ocupar uma posição de destaque, tornando-se a grande potência do Oriente Médio, uma potência regional, o que amedronta e enfurece Arábia Saudita e Israel. Claro que não usaremos nosso potencial nuclear para fazer bombas nem atacar os vizinhos. Não somos uma ameaça à paz mundial. Aliás, o mais curioso é que Israel tem cerca de 300 ogivas capazes de destruir o planeta algumas vezes, enquanto nega ao Irã o direito à energia nuclear. É uma piada.

### **Por que o acordo Brasil-Turquia não foi para a frente?**

Creio que a proposta não vingou porque as superpotências não querem a interferência de ninguém. Elas querem agir sozinhas, ditar as regras. Então, desta vez, nossos governantes foram sábios o suficiente para negociar direto com as nações que impuseram o embargo. Mas, de qualquer maneira, trata-se de uma decisão acertada. É um acordo vencedor e muito positivo. Poderemos enriquecer urânio em até 5%, um limite suficiente para produzir combustível para o reator de Bushehr, na costa do Golfo Pérsico. O ministro assumiu o compromisso de responder sempre às preocupações das Nações Unidas, agora incluindo a base militar de Parchin, que simbolizava um impasse antigo. Esse novo pacto poderá dar acesso aos inspetores da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA) não só às usinas de Natanz e de Fordo, mas a Parchin, contanto que se abstenham de tornar públicas as suas conclusões. Após duas décadas de confrontos, este acordo representa uma nova mentalidade baseada no

racionalismo, na lógica e no respeito mútuo. Sem monopólio nem autoritarismos. Por isso, agora estamos todos muito esperançosos em relação ao futuro.

**Você votou em Hassan Rohani. Na esfera internacional, o presidente já mostrou a que veio. Que mudanças se esperam dele no âmbito doméstico?**

Os jovens concordam comigo que Rohani é um homem culto, educado nas melhores escolas, sábio e racional. O presidente sabe o que quer. Porém, há leis constitucionais que todos precisam acatar. Um exemplo é a questão das mulheres. Elas têm que usar o hijab e vestir-se de maneira discreta. Mas estão em todos os setores da vida nacional. Em comparação com outros países do Oriente Médio, as mulheres desfrutam de uma vida muito mais plena. Encontram-se nas escolas, nos hospitais, nas universidades, no Parlamento, em cargos da alta hierarquia governamental e constituem mais de 60% do contingente estudantil de nível superior. Estão ativas nas artes, no cinema, na literatura. O novo presidente age dentro do contexto de uma nação religiosa, mas certamente haverá negociações no sentido de aumentar as liberdades individuais, a liberdade de expressão e o direito de organização dos trabalhadores. Pelo menos é o que todos nós que votamos nele desejamos e esperamos.

**O fato de Hassan Rohani ser um mulá, um clérigo educado na teologia islâmica, não interfere no alcance dos avanços desejados?**

Na minha opinião, não importa que ele seja religioso. Afinal de contas, vivemos numa sociedade islâmica. O presidente precisa seguir as regras e a Constituição, mas nada disso vai interferir em suas ações se ele fizer seu trabalho de maneira eficiente. A nova geração que o elegeu viu que ele se baseia em medidas racionais e busca o entendimento. Prioriza o diálogo acima das brigas e das ameaças.

**Você diria que seu país entra numa fase de abertura social e política?**

O presidente é um homem de ação, como ficou comprovado. Ele não fala apenas, mas toma decisões e transforma planos em ação. E seu gabinete é realmente muito bom. Veja a internet. A velocidade melhorou bastante ultimamente e estamos bem esperançosos de que o Facebook seja liberado em breve. Hoje não é exatamente ilegal, mas há filtros impostos pelo governo, assim como em sites pornográficos ou imorais. Entretanto, há programas antifiltro que desbloqueiam qualquer coisa. Oito em dez iranianos têm Facebook e o país está entre os cinco maiores usuários do mundo. Mesmo o presidente e o ministro das Relações Exteriores criaram suas páginas. Após dois meses, arrebataram milhares e milhares de fãs, que logo chegarão a 1 milhão. Não por acaso Mohammad Javad Zarif, um verdadeiro pop star da política nacional, confirmou no seu Twitter a assinatura do pacto. Há também a expectativa de que em breve seja resolvida a situação de cineastas impedidos de filmar e em prisão domiciliar, como Jafar Panahi, exilados e fugitivos, como Mohammad Rasoulouf. Sou músico, tenho amigos nas áreas das artes e da literatura, por exemplo. Recentemente soube que foram liberados muitos livros que estavam suspensos, além de álbuns de música e filmes inéditos. Claro que a censura não será totalmente banida, mas atenuada. Um fato inédito: os políticos estão preocupados com a opinião pública, e passaram a usar as mídias sociais a seu favor. Prova disso, você deve ter ouvido falar, foi o videoclipe que puseram no ar na segunda-feira, para marcar os cem dias da posse de Rohani. O nome dessa etapa inaugurada com o presidente eleito

em agosto é emblemático: Nowsafar, que em farsi significa "nova viagem". Dizem que foi inspirado no vídeo Yes, we Can, da campanha de Obama para a Casa Branca, em 2008. O importante é que o vídeo fez o maior sucesso, com mais de 400 mil visualizações. Vejo horizontes abertos para a sociedade iraniana. Os próximos seis meses serão decisivos para o futuro da nação.

**Seu curta-metragem selecionado para a mostra foca uma comunidade minúscula, à margem das grandes questões do homem moderno. Seu próximo filme promete falar do Irã contemporâneo, com todas suas contradições, censuras e impedimentos. Que dificuldades acredita que vá encontrar ao expor a real face do país?**

Como já disse, há quem pense que o Irã não tem carros, telefones celulares, autoestradas, universidades, metrô. Que lá não neva, que se trata de um deserto inóspito. Que financiamos o terrorismo, incentivamos o fanatismo religioso e os extremistas. E que xiismo é sinônimo de radicalismo. Pretendo reverter essa imagem. Claro que temos nossos problemas, não há um lugar perfeito. Não frequentamos bares nem consumimos álcool, fazemos as festas e as reuniões dentro de casa, em caráter privado. Mas somos uma sociedade moderna, com uma juventude atuante, que sempre teve uma educação de qualidade e está sintonizada com o restante do planeta, apesar de todas as dificuldades e os enfrentamentos, que também farei questão de abordar.